

Fotojornalismo e Violência: análise fotográfica dos jornais Primeira Página e Folha de S. Paulo no mês de março de 2014

Gabriela Sanches de Lima¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma pesquisa de análise das técnicas composicionais das imagens de violência publicadas na *Folha de S. Paulo* e no jornal *Primeira Página*. O presente artigo é um pequeno recorte de toda a pesquisa, a qual analisa e quantifica as fotos referentes às tragédias do mês de março de 2014. A partir do estudo do fotojornalismo e da semiótica, conseguimos analisar e comparar como as referências imagéticas variam de um veículo de comunicação para outro, a partir da linha editorial de cada um. O objetivo é verificar como são articuladas as repetições e as translações de significado na composição fotojornalística da dor, a partir de sua estrutura narrativa. Também estudaremos os filtros noticiosos e ideológicos que cada imagem foi pré-selecionada a passar.

Palavras-chave: *técnicas de composição; fotojornalismo; violência; Folha de S. Paulo; Primeira Página.*

Introdução

O artigo presente pretende fazer um levantamento e uma análise das fotografias de tragédia que a imprensa veicula ultimamente. A história da humanidade foi marcada por conflitos, violência, dores, desastres naturais e todo o tipo de tragédia que a mídia sempre noticiou desde a sua invenção. O objetivo geral deste artigo é investigar de que forma a mídia noticia a tragédia através de imagens. Embora no decorrer da história notemos a busca pela paz, no sentido de ausência de violência e de conflitos, muitos jornais mostram

¹ Graduanda do curso Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho.

o contrário. Tentaremos articular, ao longo do artigo, que a tragédia vende e que, em alguns jornais, mais que outros, a dor é a manchete principal quase sempre.

Nas expectativas modernas e no sentimento ético moderno, cabe uma posição central à convicção de que a guerra é uma aberração, ainda que inevitável. De que a paz é a norma, ainda que inatingível. Não foi assim, é claro, que a guerra foi vista assim ao longo da história. A guerra foi a norma, e a paz, a exceção. (SONTAG, 2003, p. 64)

Os jornais impressos de hoje em dia, basicamente, se articulam através de textos e de imagens. Ambos noticiam, contudo, de forma distinta. Uma fotografia pode ser tão chocante quanto um texto e pode ter os mais diversos significados, tanto para quem fez a foto, quanto para quem a vê. O que faremos no artigo, será a “leitura” das fotos que remetem a violência, implícita ou explicitamente, dos jornais *Primeira Página* e *Folha de S. Paulo*. Essa leitura consiste na análise através da semiótica de Umberto Eco, com a retórica da imagem, e de algumas Teorias da Comunicação que podem auxiliar no entendimento dos filtros ideológicos que constroem a dor que podemos ver na imprensa. Também estudaremos as narrativas construídas com as fotos, e de que forma as diferentes técnicas de composição são utilizadas para dar o sentido de acordo com a ideologia de cada veículo.

É importante ressaltar que a escolha destes veículos foi proposital. Em alguns aspectos, os jornais *Primeira Página* e *Folha de S. Paulo* são bastante diferentes e as técnicas de composição de cada um para a representação das fotos ficam evidentes nesta diferença. Enquanto o *Primeira Página* é um jornal de uma pequena cidade do interior paulista, São Carlos, com aproximadamente 236² mil habitantes, o *Folha de S. Paulo* circula na grande São Paulo, que possui cerca de 11³ milhões de leitores, alguns em potencial, outros, leitores de fato. Nosso estudo é uma pesquisa quantitativa, comparativa e avaliativa destes dois veículos de comunicação. Buscamos responder o que foi que ditou para determinadas fotos saírem como saíram em veículos diferentes, com abordagens diferentes e linhas editoriais diferentes.

² Dados retirados do censo de 2013 do IBGE acessado no link <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354890>>. Acesso em Junho de 2014

³ Dados retirados do censo de 2013 do IBGE acessado no link <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030>>. Acesso em Junho de 2014

Metodologia

O artigo é um recorte de uma pesquisa maior, a qual se comprometeu em analisar as edições dominicais de cada jornal referido anteriormente por um período de seis meses. O foco deste recorte é estudar o mês de março, seguindo a mesma metodologia que será utilizada para analisar o restante dos meses. As edições dominicais trazem um resumo do que aconteceu durante toda a semana, destacando os principais acontecimentos e, por este motivo, selecionamos para a análise.

Para primeira análise das fotos, necessitamos classifica-las de acordo com o assunto que aquela foto trata. Para isso, abrimos um leque com cinco categorias relacionadas à dor e a tragédia:

1) Violência Urbana

-Crimes urbanos: Esta subcategoria abordará temas como assaltos, sequestros, assassinatos, crimes de família, etc.

2) Acidentes Urbanos

Esta categoria abordará temas como atropelamentos, acidentes de carro, moto, ônibus, etc.

3) Desastres naturais

Furacões, deslizamentos de terra, tsunamis, terremotos, alagamentos, secas e todo tipo de tragédia natural que o jornal noticiou durante o período será analisado.

4) Guerras internacionais

Embora sejam dois jornais nacionais, ambos possuem a editoria “Internacional”, a qual destaca os principais acontecimentos fora do país. Essa categoria focará em estudar apenas os conflitos de guerra.

5) Manifestações e violência

Achamos conveniente abrir esta categoria em virtude da crescente onda de manifestação no Brasil e fora dele no ano de 2014. Muitas destas manifestações acabam em ações violentas.

Após a classificação destas categorias, nos atentaremos aos filtros noticiosos que, basicamente, são os filtros que permitem que a notícia saia como sai para o público. Eles articulam toda a ideologia de um jornal e transformam um acontecimento em notícia. Em

cada foto analisada, um filtro noticioso se sobressaiu para que aquela foto saísse no jornal. Seleccionamos, ao longo do artigo, sete filtros noticiosos, os quais são:

- Classe social;
- Gênero;
- Profissão;
- Visibilidade midiática;
- Distribuição geográfica;
- Faixa etária;
- Editorias.

O que se pretende também com esse artigo é sugerir um questionamento acerca da relação texto e foto. Algumas imagens servem apenas como um apêndice para um texto, contudo, outras, o leitor só consegue captar o real sentido do texto ou da foto quando lê os dois concomitantemente, como se um fosse, necessariamente, o complemento do outro. O fotojornalismo sempre esteve presente em conflitos, guerras e manifestações, porque, em sentido geral, a fotografia é o próprio acontecimento. As pessoas acreditam naquilo que veem por ser verossimilhante com a realidade. O primeiro objetivo deste artigo é desconstruir o senso comum do olhar sob a fotografia para que, dessa forma, consigamos analisar criticamente as fotos dos jornais selecionados.

A semiótica de Umberto Eco também será fundamental para compreender os níveis de decomposição fotográfica que se aplicam a cada imagem. Seleccionamos os cinco itens que podem nos auxiliar nesta compreensão; são eles:

-Nível icônico: São os dados concretos, visíveis e “reais” da imagem. Incluímos também os elementos gráficos, principais objetos de referência. É a parte primária, a qual faz referência à denotação da foto.

-Nível iconográfico: Enquanto o nível icônico faz referência à denotação, o nível iconográfico se preocupa em perceber as conotações de sentido. Só conseguimos extrair conceitos subjetivos de uma foto com o cruzamento de informação que adquirimos pela cultura e pelos significados convencionais.

-Nível tropológico: São, na verdade, as figuras de linguagem aplicadas aos conceitos visuais. Dentro de uma fotografia podemos ter a hipérbole, metáfora, a metonímia, a antonomásia, etc.

-Nível tópico: É o nível que se ocupa das premissas que a mensagem/imagem pode trazer para poder articular a argumentação.

-*Nível entimemático*: É a articulação e a conclusão do raciocínio com base nos níveis anteriores.

A imagem não é o real

Imagine dois fotógrafos, um inglês e outro francês, ambos escalados pelos respectivos países para cobrir e noticiar, através de imagens, o que está acontecendo em uma guerra hipotética entre os dois países. Os dois fotógrafos têm uma missão: mostrar a hegemonia do seu próprio país na guerra e a derrota do outro. Ambos retornam aos seus próprios países com as câmeras cheias de fotos exatamente como cada país pediu. O primeiro questionamento acerca deste resultado é: qual das duas realidades é verdadeira, sendo que temos o registro visual do ocorrido das duas partes? Eis aí o primeiro poder de captar imagens: ela legitima o fato, cria sentidos e interpretações, e imortaliza o acontecimento

Esse primeiro questionamento é fundamental para entendermos uma propriedade da fotografia. De acordo com a teoria Interacionista (TRAQUINA, 2004), as notícias não são um espelho da realidade, porque são o resultado de processos como a percepção, seleção, edição e transformação dos acontecimentos, trazendo à ideia de que a notícia, nas mais diversas formas, é uma construção social da realidade. A fotografia, além de ser uma construção, é também um recorte da realidade, uma vez que a câmera aponta apenas para um pequeno fragmento do que estava acontecendo. Aprofundando mais, este recorte é totalmente subjetivo e oriundo da realidade do fotógrafo, que possui crenças, valores, ideologias, posições políticas, religiosas, bagagens culturais e conhecimento de mundo diferente de todo o resto. Como dizer, então, que o que vemos através das imagens foi realmente o que estava acontecendo?

Partindo deste pressuposto, é possível entender o porquê dos dois fotógrafos, da situação hipotética acima, terem conseguido as fotos que desejavam. O recorte foi diferente, portanto, os resultados foram diferentes. “Sempre devemos considerar a fotografia como fonte histórica de abrangência multidisciplinar” (KOSSOY, 1999, p. 21). A multidisciplinariedade da fotografia é, praticamente, intrínseca a ela. Podemos ter em uma única imagem vários sentidos, recortes, sentimentos e maneiras de interpretá-la.

Para Dubois (1993), a fotografia é uma aparência da realidade quando ele a coloca na classificação como índice. De acordo com a semiótica, índice é um signo que percebemos não pela semelhança, mas pela proximidade com o real. Por exemplo, um raio indica que uma tempestade está chegando; ele não é a própria tempestade, mas pela proximidade física, pode indicar que haverá uma. Da mesma forma, acontece com a fotografia, ela tem aparência da realidade por indicá-la graças a proximidade.

Há muitas discussões acerca da realidade VS. aparência em uma fotografia. Outro teórico clássico do assunto também argumenta sobre a realidade dentro das imagens fotográficas. Roland Barthes (1980), no livro *A Câmara Clara*, aponta para uma outra questão que pode ser tão importante quanto a própria fotografia:

Chamo de 'referente fotográfico', não a coisa facultativamente real a que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia. A pintura pode simular a realidade sem tê-la visto (BARTHES, 1980, p. 115)

É interessante observar que Barthes utiliza o verbo “remeter” para o que ele chama de “coisa facultativamente real”, ou seja, a própria fotografia. Na passagem acima, ele frisa a importância de ter algo real, o referente fotográfico, para poder ter algo que remeta a ele, facultativamente a ele. O ponto central é de que maneira o referente fotográfico pode ser construído e representado. Há inúmeros filtros que determinam a maneira que uma notícia pode ser feita, e Nelson Traquina (2001) chama essas pré-determinações de Valor-notícia.

O poema de Manuel Bandeira “Poema tirado de uma notícia de jornal” pode nos trazer uma clara exemplificação do que é o Valor-notícia, e de como ele é construído:

*“João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número. Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado”.*

No exemplo acima, temos um texto que foi retirado de uma notícia de jornal. Quais seriam as razões para destacar um homem sem nome (João Gostoso aparece como apelido), sem prestígio social, morador da periferia, que mal tem um endereço fixo e que morre no final? Todas essas características anteriores são determinantes para que um acontecimento vire notícia. A morte é um deles, contudo, os outros fatores sobrepõem o

incidente ocorrido com João Gostoso. É importante ressaltar que, no final do poema, o local onde João Gostoso morre é ressaltado, e é por causa dele que essa notícia foi parar no jornal. A lagoa Rodrigo de Freitas é um importante ponto turístico do Rio de Janeiro em que muitas pessoas, de prestígio social, vão até lá. João Gostoso aparece no jornal não por causa do valor-notícia morte, mas por causa do valor-notícia Relevância social (no caso, a relevância que aquele local tem para a região). Isto nos ajuda compreender quais são as diretrizes dos jornais, as quais variam de um jornal para o outro.

Fotografia na prática

Há várias interrogações acerca do papel do fotojornalismo na imprensa. Alguns acreditam que ele veio para dar informações para aquelas pessoas que não têm o hábito de leitura, outros, no entanto, especulam que as imagens sejam apenas meras ilustrações do texto. De acordo com Sontag, a informação na fotografia pode ser tão eloquente quanto a de um texto, já que a imagem possui muitas propriedades visuais que a escrita não tem.

As imagens que idealizam (como a maior parte das fotografias de moda e de animais) não são menos agressivas do que as que valorizam a ausência da beleza (como fotografias de aulas banalíssimas como sórdidas naturezas mortas de retratos de criminosos. (SONTAG, 1997, p. 17)

Na análise presente, conseguimos distinguir as duas colocações citadas por Susan Sontag em ambos jornais: Ou uma informação completa através de imagens, ou apenas um complemento insignificante para o texto, independente do jornal (Primeira Página ou Folha de S. Paulo.). Como o artigo presente se prontificou a analisar e quantificar as imagens referentes à violência no mês de março, já podemos citar um dado que poderá depreender outros resultados. Enquanto a *Folha de S. Paulo* publicou 28 fotos de violência do mês de março, o jornal *Primeira Página* publicou 56 fotos com um conteúdo sensivelmente diferente. Ambos tratam sobre tragédia, violência e dor, mas abordam de diferentes maneiras. Pela grande distinção da quantidade de fotos, podemos dizer que o jornal são carlense é mais sensacionalista do que o jornal paulista, já que traz uma grande quantidade de fotos emotivas, pelo menos no mês analisado.



K., avó da criança que recebe o benefício, no valor de um salário mínimo, concedido de maneira inédita pelo governo

Figura 1- O título da matéria referente a esta foto é “RJ concede pensão a criança fruto de estupro”

Como primeira impressão geral, o jornal *Folha de S. Paulo* trouxe imagens mais suaves ao retratar assuntos de temas polêmicos/violentos. Em geral, as fotos dão um enquadramento mais emotivo na feição das pessoas, ou então, em algum detalhe importante do corpo da pessoa. São fotos que, ao invés de chocar com a violência explícita, criam na mente do leitor um processo subjetivo de interpretação. Acima (Figura 1), temos uma foto da edição do dia 02 de março de 2014, que, sem um texto auxiliar, não conseguiríamos identificar com clareza sobre o assunto tratado, quanto mais, um assunto de violência

De acordo com a metodologia escolhida pela pesquisa, podemos classificar o assunto retratado pela foto/matéria como violência urbana/familiar, já que o lead da matéria especifica que a adolescente engravidou após o assédio sexual do pai. Também podemos chamar a atenção para dois dos filtros noticiosos que escolhemos para delimitar os assuntos sobre tragédia: A faixa etária e a visibilidade midiática são filtros determinantes para a matéria ser publicada, porque casos de estupros⁴ ocorrem em número muito maior do que a mídia noticia, mas uma adolescente que engravida pelo próprio pai e ainda tem a concessão de uma “Bolsa estupro”⁵, pelo próprio governo estadual do RJ, gera polêmica e uma visibilidade maior – note que o fato ocorreu no Rio de Janeiro, e chegou até um dos jornais de maior circulação do estado de São Paulo - .

⁴ Dado retirado do link <<http://oglobo.globo.com/brasil/numero-de-casos-de-estupro-superou-de-homicidios-dolosos-no-pais-em-2012-10678523>>. Acessado em Julho de 2014

⁵ Termo criado pelas mulheres que são contrárias a concessão dessa pensão, citada na matéria da *Folha de Sp*.

Analisando sob a perspectiva do semioticista Umberto Eco, podemos classificar a fotografia de acordo com os cinco níveis fotográficos, abaixo descritos:

-*Nível icônico*: Os elementos concretos e “denotativos” da imagem são a flor, a camiseta verde e as mãos femininas.

-*Nível iconográfico*: A partir destes elementos, podemos depreender que a mulher representada não aparenta ter preocupação com o vestuário, porque a camiseta que veste aparenta estar surrada. Também, podemos perceber que se trata de uma pessoa adulta/idosa, em virtude das rugas nas mãos. A flor que ela segura não é uma flor comum.

-*Nível tropológico*: Uma das possíveis figuras de linguagem que podem estar descritos na figura é a metáfora representada pela flor. Ela pode representar a inocência ou a justiça que foi feita com a concessão da pensão para a mãe da adolescente que foi estuprada.

-*Nível tópico*: Como premissa imagética, podemos extrair que uma foto de estupro seria algo forte, talvez mostrando o rosto da vítima com distorções. Contudo, o que esta fotografia representa é apenas um detalhe do corpo (que não é da vítima), trazendo uma outra interpretação para a fotografia.

-*Nível entimemático*: Como resumo dos níveis, entendemos que é uma foto que retrata a dor e a tragédia de uma forma suave e emotiva. Ela não choca, mas instiga o leitor a pensar sobre a flor que a mãe da adolescente segura, como se estivesse segurando, novamente, a inocência, dignidade e justiça da filha. É interessante observar que a identidade (rosto) das pessoas envolvidas não foi mostrada na foto, talvez como uma forma de preservá-las e respeitar a situação do estupro.

Este tipo de construção de assuntos trágicos ocorre de maneira peculiar e diferente no jornal de São Carlos. Na edição do dia 23 de março, a manchete principal do jornal é sobre a onda de furtos e roubo que a cidade está passando. A foto que acompanha o título e o lead traz rostos e feições de cinco pessoas, acompanhada de um molde preto que envolve a foto. Segue abaixo a fotografia:



Assim como classificamos a foto do jornal Folha de S. Paulo, analisaremos sob a mesma perspectiva. A foto acima pode ser classificada como crimes urbanos, e os filtros noticiosos que se destacam são os de Gênero e a Faixa etária – na foto observamos meninos e meninas, na fase adolescente, sendo associados à imagem de roubo, furto e violência – também ganham visibilidade midiática, já que estão no principal lugar do jornal, além de estampar a primeira página.

Analisando segundo o viés da semiótica, podemos classificar a foto acima de acordo com os cinco níveis:

-Nível icônico: Vemos na imagem 5 pessoas (sendo 4 meninos e 1 menina), encostados em uma grade com um carro da polícia atrás. As pessoas que estão na foto tentam cobrir o rosto com a mão, boné, virando o rosto ou o corpo. Dois deles estão sem camisa e todos estão sentados no chão.

-Nível iconográfico: Podemos depreender com as feições, com o vestuário dos jovens e, juntamente com as legendas, que são jovens de classe social baixa, que, provavelmente, não têm uma boa estrutura familiar, e que podem ter a educação (estudo) afetado por conta do tempo que se dedicam aos furtos e roubos.

-Nível tropológico: Na montagem da foto (na somatória da imagem com os textos e os recursos visuais), podemos dizer que encontramos um hipérbato na construção da notícia. Conforme estamos observando no jornal Primeira Página, o hipérbato é comum em

muitas imagens e em muitas notícias. O exagero e a dramaticidade compõem a fotografia bem como as legendas, que atribuem juízos de valores. Ex: “São Carlos vive onda de furtos e roubos. A população está preocupada. Não há mais tranquilidade, e muitos optaram por viver em verdadeiras prisões dentro de casa. O tema virou discussão política e especialista afirma que polícia vive processo falimentar”. Essas palavras compõem o lead da notícia, sem trazer dados concretos.

-Nível tópico: Uma notícia que traz informações sobre furtos e roubos poderia trazer, como premissa, imagens dos objetos que foram furtados, dos policiais falando sobre o assunto, pessoas que foram vítimas desses furtos e, não necessariamente, a foto com o rosto estampados das pessoas responsáveis pelo crime. Embora, perante a lei, sejam consideradas criminosas, essas pessoas têm identidade e têm o direito de preservá-la. Essa é uma discussão profunda que envolve a ética na fotografia. Susan Sontag (1977) diz que “fotografar pessoas é violá-las vendo-as como elas nunca se veem, conhecendo-as como elas nunca se poderão conhecer; é transformá-las em objetos que podem ser possuídas simbolicamente” (SONTAG, 1977, p. 23). Fazer um hipérbato sobre a imagem desses cinco jovens, não seria tão invasivo quanto o próprio crime cometido por eles?

-Nível entimemático: Como resumo dos cinco níveis, é importante fazer uma observação que arremata a decomposição fotográfica. O título da matéria é “(IN)SEGURANÇA PÚBLICA”, e logo abaixo temos a foto dos cinco jovens responsáveis por furtos e roubos. Não sabemos quantos furtos ou roubos essas pessoas fizeram, mas ao olhar somente a foto junto com o título e o lead, temos a possível interpretação de que esses cinco jovens são responsáveis pela falta de tranquilidade de uma cidade inteira. Atribuiu-se toda culpa, imageticamente, em cima dessas pessoas.

Pudemos notar que, no jornal Primeira Página, não há um padrão na publicação de fotos que remetem a violência. Na mesma edição que fala sobre furtos e roubos, há outra foto, de um homem sendo algemado por policiais, contudo, a identidade (o rosto) está borrado, no sentido de preservá-la.

O texto e a imagem

Ao longo da análise das fotos, percebemos uma necessidade de analisarmos a foto sob a perspectiva do texto escrito. Para chegarmos ao nível entimemático, como conclusão,

precisamos ler a matéria ou, pelo menos, a legenda que acompanha a fotografia. Estudando em conjunto, foi importante para perceber como a legenda corrobora para a linha editorial do jornal e engendra juízos de valores tanto quanto uma imagem. Por exemplo, na foto abaixo, retirada do editorial “Polícia” da edição do dia 16 de março do jornal Primeira Página, podemos perceber uma legenda curiosa:



Legenda: “Desocupado foi preso em flagrante, mas acabou liberado após a elaboração de BO”

A palavra “desocupado” traz uma conotação pejorativa muito forte. Podemos interpretar que (1) todo desocupado é bandido; (2) o nome dele é tão insignificante que é mais fácil identificá-lo pela falta de ocupação; (3) ser um desocupado é, na verdade, um eufemismo para palavras de baixo calão no vocabulário popular. Ou seja, ao invés do jornal apenas noticiar o furto, atribui juízos de valores que a população poderia também ter, sem deixar os leitores pensarem, refletirem e formarem uma opinião própria.

Em contraposição com o jornal Folha de S. Paulo., as legendas são praticamente desnecessárias, porque apenas traduzem o que o leitor já está vendo na imagem. Se por um lado não colocam nenhuma conotação, também deixam de colocar alguma informação adicional que poderia ser importante para o leitor. Observe as imagens abaixo (Figuras 4 e 5):



Manifestante ferido em confrontos em Kharkiv, na Ucrânia

Figura 4: Legenda: Manifestante ferido em confrontos em Kharkiv, na Ucrânia



Policiais tentam conter briga de manifestantes durante Marcha da Família, na praça da Sé

Figura 5: Legenda: Policiais tentam conter briga de manifestantes durante a Marcha da Família, na praça da Sé.

Em suma, neste primeiro contato com o olhar analista sobre as fotos dos jornais Folha de S. Paulo e Primeira Página, já pudemos comprovar a teoria de que a tragédia é retratada de forma diferente nos respectivos veículos. Enquanto um se ausenta de colocar algum juízo de valor explícito, o outro expõe. O jornalismo, enquanto formador de opinião, pode se desdobrar de várias formas para formar seu público, e pudemos notar que a maneira de fazer uma opinião pode variar através das imagens, inclusive. Também nos questionamos como os jornais retratam a dor e a tragédia de forma ética, sem violar quem é fotografado e quem vê as imagens. Como conclusão geral, o jornal Primeira Página

dramatiza e sensacionaliza a dor, o crime e a tragédia, enquanto a Folha de S. Paulo . faz um eufemismo com as imagens e as transforma com um olhar, quiçá, artístico.

Referências Bibliográficas

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Ensaio Sobre Fotografia*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê, 2002.

ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 1993.

DUBOIS, Phillippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papyrus, 1993.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.